

AVIÃO TELECOMANDADO SOBREVOOUL MARQUES

O Sec. de Tb. 6/6/83

O aparelho voador não identificado, alvejado pelas baterias da Frelimo sobre a Praia da Polana, em Lourenço Marques, não pertencia à Força Aérea sul-africana, segundo afirmou um porta-voz em Pretória.

"Nenhum dos nossos aparelhos entrou no espaço aéreo moçambicano na segunda-feira e nenhum deles foi dado como desaparecido" — declarou o mesmo porta-voz.

Na quinta-feira, um outro porta-voz das Forças Armadas recusou comentar alegações de que o avião-espião era originário da África do Sul, mantendo coerente a comunicação anterior, segundo a qual nenhum aparelho sul-africano entrara no espaço aéreo de Moçambique após a operação de retaliação a bases do ANC na Matola.

O avião-robot não pilotado foi atingido por dois mísseis terra-ar às 14.34 horas da passada segunda-feira, quando sobrevoava a baixa altitude a zona da Polana. Segundo a Frelimo, os seus destroços foram recuperados da Baía, na terça-feira, por duas lanchas e um helicóptero, que participaram nas operações de busca. Tratava-se de um avião de reconhecimento de controlo remoto, que media dois metros de comprimento e estava pintado de cinzento.

Não tinha marcas de identificação e a envergadura das asas era de quatro metros. Transportava câmaras de filmagem automática de "fabrico francês". A maior parte da sua fuselagem era de fibra de vidro, apenas com uma pequena porção de alumínio.

Diz-se que é igual aos aviões deste tipo que Israel possui.

Os israelitas têm utilizado frequentemente estes aparelhos para recolher informações e também para pôr à prova as defesas anti-aéreas sírias, nomeadamente no Vale de Bekka.

Os referidos aviões não só não levam piloto a bordo como são de construção relativamente barata. Fazendo-os entrar no espaço aéreo sírio, os israelitas ficam a conhecer a localização das baterias de mísseis, quando estas disparam contra o aparelho.

O caso do avião alvejado sobre a Baía do Espírito Santo, na zona da Polana, pode ter sido, segundo alguns observadores, precisamente uma

operação deste género, a fim de averiguar a localização e a eficiência das baterias de mísseis soviéticos de que a Frelimo dispõe. E isto depois de ter afirmado, aquando do ataque aéreo à Matola, que não possui bases de mísseis.

Há informações de que dois aviões entraram no espaço aéreo de Moçambique e lá permaneceram cerca de meia hora. Pensa-se que o segundo era um avião a jacto, com piloto, que tinha por missão observar a operação.

Assim, logo que o avião automático foi atingido, o segundo aparelho terá invertido a rota.

Por outro lado, diz-se que o aparelho alvejado não efectuou a menor manobra para evitar as defesas anti-aéreas da Frelimo. Também se refere que os dois aparelhos sobrevoaram a baixa altitude a zona da Matola que na semana anterior tinha sido atacada pela Força Aérea sul-africana como retaliação ao atentado bombista em Pretória.